



A NARRATIVA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Simone Neri da Silva²⁸
(UESB)

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires²⁹
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio³⁰
(UESB)

RESUMO

Este artigo diz respeito à importância do texto narrativo como instrumento auxiliar nos processos de aquisição da escrita por crianças com Síndrome de Down, uma vez que estas apresentam comprometimentos de ordem física e cognitiva que afetam o funcionamento de sua linguagem. Este texto propõe que a utilização da narração poderá ampliar suas possibilidades de desenvolvimento da linguagem e aquisição da escrita. Este estudo considerou os dados históricos sobre o desenvolvimento da linguagem humana, onde a linguagem emerge como parte integrante do sistema cognitivo geral dos seres humanos, e com base na abordagem histórico-cultural de Vigotski³¹ (2004), na qual a interação é condição de desenvolvimento humano, e portanto, da linguagem.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

**Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Orientadora da Pesquisa. E-mail: carlaghipires@hotmail.com

***Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (Gpen/CNPq/Uesb). nirvanafs@terra.com.br

28

29

30

³¹Esse autor tem o nome referenciado com grafias distintas, tais como Vigotski, Vygotsky, Vigotsky; neste trabalho é adotada a grafia presente na respectiva bibliografia.



PALAVRAS-CHAVE: linguagem, narrativa, Síndrome de Down

INTRODUÇÃO

Este texto traz uma reflexão sobre como a utilização de textos narrativos pode contribuir para ampliar a capacidade comunicativa das crianças com Síndrome de Down, e facilitar seu processo de aquisição da escrita. A perspectiva teórica que utilizamos baseia-se na abordagem sociocultural de Vigotski (1989) para quem é no processo dialógico de interação e mediação que se realiza a aprendizagem humana. Sendo o meio social e a intervenção do mediador fundamentais para o desenvolvimento das funções mentais superiores, em detrimento de fatores biológicos. Também baseamos nossa reflexão nos estudos de Bakhtin (1997), que considera que aprender a falar é aprender a estruturar enunciados e que são os gêneros do discurso que organizam a fala. Sendo assim, o texto narrativo direcionado à criança com SD, auxiliará na formação de sua habilidade discursiva, e também no processo de aquisição da escrita. Assim, tendo como fundamento estudos do desenvolvimento da linguagem, nessa perspectiva de valorização de aspectos sócio-culturais em detrimento de fatores orgânicos é que damos ênfase a utilização de textos narrativos, como instrumento facilitador da aquisição da escrita por crianças com SD considerando que estas tendem a apresentar algum comprometimento neurológico em virtude de seu quadro sindrômico.

MÉTODOS

Os dados obtidos neste estudo surgiram a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, realizada na biblioteca central da Universidade Estadual do Sudoeste da



Bahia. O levantamento dos autores como Luria e Vigotski. Entre outros, ocorreu com base na relevância de suas contribuições para o tema. Após leitura, realizamos a análise e sistematização dos dados selecionados numa perspectiva qualitativa. Consideramos aqueles textos que colaboravam para confirmação da hipótese pesquisada: A importância da narrativa dentro do processo de aquisição da escrita por crianças com Síndrome de Down. Em seguida, relatamos, incluindo citações dos autores trabalhados, aquilo que julgamos colaborar para uma melhor compreensão do tema, ou seja, o papel da linguagem no desenvolvimento humano; a interação e mediação como facilitador dessa aquisição: a linguagem, e especificidades do texto narrativo, a saber, contos e histórias infantis, como instrumento auxiliar desse processo.

REVISÃO DE LITERATURA

A linguagem é uma atividade interativa e constitutiva do sujeito (Vigotsky, 1989). Ela também possibilita a produção do pensamento e de outras aprendizagens, por isso é que um comprometimento nessa área pode trazer dificuldades ao desenvolvimento do sujeito e sua relação com o mundo que o cerca. No caso de crianças com Síndrome de Down, como em todas as crianças, o desenvolvimento da linguagem se dá a partir da interação com os outros membros do seu entorno cultural. Contudo a capacidade discursiva das crianças com SD tende a ser afetada pelas características físicas e cognitivas que lhes são peculiares. Tornando-as mais propensas para possíveis dificuldades quanto à aquisição e competência linguística. Sobre os fatores físicos que podem comprometer o desenvolvimento da linguagem, Evani A. Amaral Camargo, cita autores como (Rondal, 1991; Meyers, 1989; Horstmeier, 1991; Gunn, 1985 e Cuilleret, 1984), que consideram problemas auditivos, atrasos no desenvolvimento motor e hipotonia, alterações no palato, entre outros, como causadores de dificuldades articulatórias, ou seja, fatores orgânicos interferem na capacidade discursiva de indivíduos com SD. Elas levam mais tempo para sistematizar palavras e desenvolver a



fala (SCHARTZMAN, 2003). Segundo Camargo (2012), outra característica decorrente da síndrome seria a deficiência mental, que altera a capacidade elaborativa do pensamento e, portanto, da linguagem, já que linguagem e cognição estão inter-relacionadas. Sobre essa relação, Vigotski afirma (2004):

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece na sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. (...) As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana. VIGOTSKI (1991 b,b.131)

Em relação a essas alterações no desempenho narrativo de uma criança com SD, Camargo e Lacerda (2012) relatam que há poucos estudos sobre o tema, mas afirmam que esses indivíduos têm dificuldades de síntese e de noção espaço-temporal. As autoras explicam, que para eles, é como se cada parte de um texto fosse compreendida ou processada separadamente, fazendo-os se perder em pequenos detalhes do tópico central, dificultando o entendimento pelo seu interlocutor. E em relação à noção espaço-temporal, as mesmas autoras acreditam que estas dificuldades estariam ligadas à imaturidade neurológica, resultando em uma demora maior para relacionar palavras que indiquem temporalidade. Essas questões implicam numa ressignificação do papel do interlocutor; este deve assumir a postura de mediador entre a criança e sua linguagem; resgatando tópicos, dando pistas quanto a próxima palavra ou utilizando verbos que enunciação. Além disso, a criança com SD apresenta uma variação em relação à memória.

Nesse sentido, evidenciamos o papel da memória, através da qual o sujeito deverá trabalhar com a informação, utilizando-se da atenção, manipulação, organização e recuperação, de forma a exercer um controle voluntário da informação ou do conceito,



segundo Pimentel (2012). A autora continua dizendo que para Vigotski esse desenvolvimento, denominado metacognição, deve ser potencializado pelo mediador, através do uso de signos e operações auxiliares para memorizar algo. Possibilitando a criação de novas conexões imaginativas, estratégia utilizada pelo historicamente como afirma Vigotski (1998):

O homem criou novos procedimentos, com a ajuda dos quais conseguiu subordinar a memória a seus fins, controlar o curso da memorização, torná-la cada vez mais volitiva, transformá-la no reflexo de particularidades cada vez mais específicas da consciência humana. (VYGOTSKY, 1998b:43)

Apesar dessas especificidades quanto ao desenvolvimento da habilidade narrativa, observa-se, ainda, uma semelhança nesse processo com as demais crianças não portadoras da Síndrome. Isso ocorre porque as leis que regulam o desenvolvimento infantil são as mesmas para crianças com ou sem deficiência (Vigotski, 1993).

Tendo em vista que esse desenvolvimento linguístico é possível e necessário à criança com SD, será preciso pensar em adaptações que considerem suas reais possibilidades. Em outras palavras, Vigotski (2001) afirma ser necessário o estudo individual de todas as particularidades de cada educando; o ajuste individual de todos os procedimentos de educação, e a interferência consciente e precisa dos objetivos individuais da educação para cada aluno. Vale ressaltar que essa atitude é basilar do processo de aprendizagem que envolva qualquer outra criança e não apenas as com SD, e que a ausência dele tende a acarretar um enorme fracasso nos chamados processos de alfabetização.

Compreender como funciona a construção de narrativas para uma criança com SD, permitirá conhecer qual o papel da narrativa para ampliar seu potencial nessa aquisição. Considerando também que a própria estrutura ou esquema do texto narrativo permite uma melhor organização das ideias, dos fatos, uma noção de tempo e espaço,



categorização dos objetos do mundo pela criança é que tratamos de sua relevância. Sobre a categorização, Kearney afirma que:

A categorização possibilita a aprendizagem porque identifica objetos do mundo, reduz a complexidade do ambiente, mas requer motivos postos pela criança e estratégias para sua finalização. {...} Cada indivíduo constrói um sistema de categorização; uma forma pessoal de agrupar ou relacionar informações sobre o mundo, em constante reorganização. (KEARNEY p.430;431)

Sendo assim, deve-se narrar para dar sentido ao mundo e a experiência da criança; o que também é referendado por Bakhtin (1995):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato, de formas linguísticas (...), mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizadas através (...) das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (p. 123).

Uma análise feita por Camargo (2004) sobre a narrativa de um sujeito com SD em situação dialógica mostrou a importância do uso do signo, como agente influenciador do sujeito, possibilitando a construção da narrativa durante a interação verbal, onde se pode apropriar dos sentidos. E ainda segundo Jean (1990a, p.182), não podemos desprezar a função da oralidade na formação simbólica do indivíduo, já que ouvir histórias auxilia o processo de alfabetização. Ele continua dizendo que o ato de ler não deve ser concebido como uma atividade mecânica, em que a criança decifra códigos. Mas que a criança deve aprender a ler o mundo, através de todas as suas formas de comunicação. Ler não se faz só com os olhos e o cérebro, mas através dos ouvidos, do corpo, do olfato, da imaginação e do afeto. O autor conclui dizendo que quanto mais histórias a criança ouvir, mais ela aguçar a capacidade de imaginar a situação apresentada e desenvolver seu mundo simbólico. Além de sua função emocional, os contos de fadas têm a função pedagógica de ajudar a construir o ser imaginário que “ensina e forma a razão”.



Outro ponto a se observar é no caso de crianças com o aparelho da linguagem modificado, seja pela alteração neurológica, seja por um quadro sindrômico ou por qualquer outro fato que provoque a deterioração da capacidade linguística, o encontro com o texto narrativo será de grande auxílio também como de exemplo de enunciação, além da possibilidade de interação, como já foi dito. A história, inicialmente contada pelo outro deve promover no aprendiz a habilidade de contar suas próprias histórias, ou seja, a experiência de narrar, nasce a partir da experiência inicial de troca.

Diante dessa realidade, concluímos que um processo de ensino da escrita bem sucedido, consistirá em partir de pequenas histórias adaptadas especialmente para cada criança em seu contexto sociocultural e maturidade neurológica. O pressuposto é explorar o grande prazer da criança em ouvir histórias para introduzi-la ao conhecimento da base alfabética da língua e o gosto pela leitura. (CARVALHO, 2005 p.33). Nessa perspectiva, temos a linguagem atrelada ao desenvolvimento da própria linguagem, é que trazemos o texto narrativo para o centro de nossa reflexão sobre como ampliar as possibilidades linguísticas das crianças com Síndrome de Down.

OS DADOS ACHADOS

Após leitura, queremos destacar alguns pontos relacionados a nossa hipótese, de que a utilização do texto narrativo funciona como facilitador do processo de aquisição da escrita, que foram abordados pelos autores selecionados. A princípio abordaremos a questão do déficit intelectual sob a perspectiva de Vigotski (2004). Segundo ele as atividades psíquicas ocorrem no desenvolvimento social da criança. Sendo assim, o desenvolvimento deficitário estaria relacionado a um meio pobre de estímulos. Em Vigotski (1996) e em Luria (2002:22) encontramos a relação entre pensamento e linguagem. Para eles quando uma criança é exposta a um sistema linguístico ela internaliza a linguagem, passando de um pensamento prático para um pensamento simbólico. Como afirmam em:



A linguagem, que medeia a percepção humana, resulta em operações extremamente complexas: a análise e síntese da informação recebida, a ordenação perceptual do mundo e o enquadramento das impressões em sistemas. Assim as palavras - unidades linguísticas básicas - carregam, além de seu significado, também as unidades fundamentais da consciência que refletem o mundo exterior (LURIA, 2002:24)

A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo: o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica. (...) As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana. (VIGOTSKY,1991b,131)

Isso significa que a linguagem está atrelada ao desenvolvimento do pensamento e da própria linguagem .

Outro entendimento compartilhado pelos dois autores é que é através da interação com o outro que o desenvolvimento da linguagem e de outras aprendizagens se torna possível .

A partir desse pensamento da interação possibilitando a linguagem, encontramos autores que trazem o texto narrativo para o centro de nossa reflexão , uma vez que no ato de se contar e ouvir histórias, as crianças com SD ampliarão suas habilidades comunicativas e terão uma experiência interativa com a linguagem, já que as histórias lhes serão contadas pelo outro; suas próprias narrativas serão mediadas pelo seu interlocutor, até que se tornem narradores autônomos. Pimentel (2012) coaduna com o pensamento de Vigotski ao afirmar que a relação do homem com o mundo é mais uma relação mediada do que direta. Sobre a mediação num contexto da deficiência intelectual e também com base na concepção de que funções mentais superiores só podem ser construídas através da interação social ele afirma:



A criança com atraso mental necessita, mais do que a “normal”, de que a escola desenvolva os processos do pensamento abstrato [...]proporcionando uma concepção científica do mundo, de descoberta de relações entre os fenômenos fundamentais da vida, as relações de ordem não concreta e de formar[...] durante a aprendizagem escolar, a atitude diante da vida futura. (VYGOTSKY,1995:119)

Sobre as crianças com alterações neurológicas em decorrência de um quadro sindrômico, no caso a Síndrome de Down, há diferentes enfoques abordando questões relativas à síndrome, mas há uma concordância entre eles, que tais indivíduos têm suas habilidades linguísticas discursivas comprometidas. Camargo e Scarpa (2012) dizem que estas características seriam advindas de problemas auditivos, atrasos ou desvios no desenvolvimento motor e hipotonia que dificultariam a articulação, porém, a característica mais marcante e comprometedora do desenvolvimento linguístico desses indivíduos seriam os fatores cognitivos. E é nesse ponto que entra a narrativa com suas características tão peculiares.

Narrar deu ao homem a possibilidade de contar suas experiências e feitos. O ato de contar histórias é uma das formas mais antigas utilizadas pela humanidade para manter, registrar e transmitir suas memórias (MUSSALIM, 2002,p.10). Na concepção de Bruner (1996) deve-se narrar para dar sentido ao mundo e a experiência da criança. E quando se trata de crianças com SD, cujas dificuldades orgânicas inicialmente nos parecem barreiras, a definição de Manferrari (2011), que considera as histórias como “naus que cruzam fronteiras”, tem uma função importante, pois o ato de narrar passa a ser visto como algo que se realizará numa dimensão comunicativa, fortalecendo o vínculo afetivo com a leitura, com o mundo trazido por ela e com a possibilidade de trazer significado e sentido a experiência comunicativa da criança. Foi possível identificar aspectos da narrativa que justificam sua importância para as crianças com SD em processo de aquisição da escrita e desenvolvimento da linguagem como um todo. Segundo Spinillo (1993), do ponto de vista psicológico a aquisição da competência



narrativa pressupõe o desenvolvimento de um esquema narrativo composto por: resumo, orientação, ação complicadora, evolução, avaliação e resolução. Apesar de nem todas as narrativas apresentarem esse esquema completo, é importante que a criança seja capaz de compreender numa história a ação complicadora e a reportabilidade, e depois utilizar em seu texto. Perroni (1992) traz discussões complementares quanto a interpretação do outro – situação de interlocução e mediação numa narrativa em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BAKTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.
- BRUNER, J. S. **A Cultura da Educação**. São Paulo: Artmed, 2001. Tradução de Marcos A. G. Domingues.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FRANCHI, C. **Linguagem - Atividade Constitutiva**. Almanaque, São Pulo, n 5.p.9-27,1987.
- JEAN, G. **Los Senderos de La Imaginación Infantil, los cuentos , los poemas: La realidade** (J.J.Utrilla, Trad.) México: Fondo de Cultura Econômica, 1990.
- MORAIS, A. G. de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).
- PERRONI, C. M. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Pulo: Martins Fontes, 1992.
- PIMENTEL, S. C. **Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. – (Coleção Educação Inclusiva).
- VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004;
- _____. **Formação Social da Mente – O desenvolvimento psicológico dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998 a
- _____. **Pensamento e linguagem**. 6.Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.